





PEDRO NETO

Com 18 anos, Pedro Neto, venceu o Concurso Bloom em 2014, com uma coleção inspirada na obra "Self-Burial", do fotógrafo e artista Keith Arnatt. Entre 2010 e 2013, estudou Design de Moda na Escola de Moda do Porto - GUDI e, em 2014, integrou a **Modatex**. Presente em diversas publicações nacionais e internacionais a FAIRE esteve à conversa com o jovem designer, que nos conta um pouco sobre o seu percurso na moda.

F: As artes são nitidamente algo que o inspira desde o início do seu percurso profissional. Assim, o que o levou a mergulhar no mundo da Moda?

PN: Não me recordo de querer sequer outra profissão! Desde muito cedo soube bem o que queria ser e explorar. Houve, sem dúvida, uma grande influência por parte da minha família, ligada à indústria têxtil. Lembro-me de ver vestidos da Christian Dior e Christian Lacroix e ficar fascinado com os detalhes de cada vestido. Este é um dos principais motivos pelos quais a minha marca tem uma grande preocupação com os detalhes e a qualidade.

F: Como descreve o seu percurso académico na Escola de Moda do Porto – GUDI? Considera o mesmo como um impulso para a participação no **MODATEX, no ano de 2014?**

PN: A Escola de Moda do Porto foi onde tive todas as minhas bases e me foi permitido aplicar nas minhas coleções que fiz até agora, apresentadas no Portugal Fashion. O Modatex é uma escola ótima que nos prepara para a indústria têxtil, que me acrescentou a parte experimental.

F: O Pedro foi mais além e, traçando uma identidade que o distingue de muitos outros, integrou-se no projeto Box32, juntamente com Nelson Vieira e João Peixoto. Como surgiu essa ideia e o que o levou a apostar no mesmo?

PN: Tudo surgiu quando eu e o Nelson estávamos à procura de um espaço para trabalhar. Juntamo-nos, encontramos o espaço onde estamos hoje, e surgiu o João durante este processo.



F: Desde 2014 que assinalas grandes marcos na tua carreira. Distinguindo-se com a vitória do Concurso Bloom, assim como as participações assíduas nos jovens designers do Portugal Fashion e, mais recentemente, a participação na International Fashion Showcase, organizada pelo British Council e pelo British Fashion Council, em Londres.

Como descreves todos esses momentos?

Quais foram as memórias e emoções que ficaram?

PN: Foi sem dúvida ótimo devido ao facto de ter sido a primeira experiência internacional. Entre memórias e emoções fantásticas partilhadas com várias pessoas durante o processo criativo até à apresentação, uma das coisas que me lembro logo quando falo sobre esta participação foi o facto de ter perdido o voo para Londres.

F: Viajando no tempo desde o século XI aos anos 70 do século XX, Keith Arnatt, Robert Rauschenberg, John Collier, e Arnold Böcklin são apenas alguns dos artistas que distinguiram as coleções do jovem designer. O mergulhar nas profundezas de emoções românticas à solidão, assim como a frescura do amor e da leveza de uma paixão de Verão, são algumas das conquistas que se edificam nas marés de coleções.

Como determinas essas histórias e as constróis nas peças detalhando-as ao pormenor?

PN: A maioria das histórias são romances obscuros, onde há uma grande pesquisa antes de passar para a parte criativa, onde pesquisamos detalhes minuciosos da época e o transpomos para a atualidade. Dai as minhas coleções serem ricas a nível dos materiais e detalhes criando sempre uma imagem forte e dramática.

F: A sua última coleção AFLOAT, revela-se como um “quadro pré-rafaelita de John Williams Waterhouse - The Lady of Shalott”, que apresenta um romantismo suave.

A relação entre os pensadores românticos e os humanistas do nosso século é evidente, assim como a relação com a contemporaneidade. Qual foi o ponto de partida que te levou a eleger os tecidos associando-os ao sentimento e ao romance, assim como as cores neutras e escuras?

PN: Na coleção Afloat há uma referência de um documentário que se juntou ao quadro que se chama “Baraka”, onde retrata o fosso social. A partir daí fizemos a ponte com os pensadores românticos. A partir dessa ligação surge uma forte abordagem de tecidos ricos e luxuosos com os detalhes das pérolas cosidas à mão.

F: Reconhecendo a arte e as emoções como algumas das inspirações que te levam a criar as suas peças, qual é a referência a que nunca se desassocia nas suas coleções?

PN: Não tenho referências fixas. Todas as coleções surgem através do meu estado emocional e de coleção para coleção surgem novas referências onde nós adaptamos para o nosso mood.

F: Qual foi a peça, em todo o teu percurso artístico e profissional, que mais te marcou, não só por todo o processo desenvolvido, como também pelo seu conteúdo emocional?

PN: Todas as minhas peças são especiais para mim. Como foram todas criadas com sentimentos distintos, que faziam todo o sentido no momento da criação, não consigo escolher uma só. Todas são favoritas.

F: Sendo designer de moda, como caracterizas a abordagem realizada em Portugal relativamente ao teu trabalho em confronto com a abordagem exercida internacionalmente?

PN: A mais valia de apresentar em Portugal é a possibilidade de conseguir fazer um desfile onde é tudo patrocinado ao qual fico sempre muito grato. Quando apresentamos a nível internacional há uma melhor imprensa, mas por outro lado temos sempre que pagar para apresentar, mesmo sendo convidado para qualquer semana de moda.

F: Quais são as novidades que o Pedro nos reserva e quais os próximos objetivos a atingir?

PN: Irão surgir novidades em breve que não posso revelar muito ainda. Só posso adiantar uma que envolverá Paris.

Patricia Silva

